

## Referências bibliográficas

ABREU, Regina. Arqueologia de um livro-monumento: Os sertões sob o ponto de vista da memória social. In: **O clarim e a oração**: cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 221-242.

AGUIAR, Leonel. Os valores-notícia como efeitos de verdade na ordem do discurso jornalístico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., ago./set. 2007, Santos. **Anais ...**

ALMEIDA, E. Um peregrino paciente. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 41-52.

ALVES, M. C; QUEIROZ, R. Entre o desafio e a coragem. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 131-139.

ARENDT, Hannah. **A dignidade da política**: ensaios e conferências. Trad. Helena Martins... (et al). Rio de Janeiro: Relume-Dumarã, 1993.

ASSIZ, A. L. R. de. Um país rico em boas histórias. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 141-152.

AVIGHI, M. A. **Euclides da Cunha jornalista**. São Paulo, 1987, 502p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

AZEVEDO, Carlos. Hibridismo e diálogo entre jornalismo e literatura em *Abusado*. In: **Leituras do Abusado**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, p. 131-137).

BARCELLOS, Caco. **Abusado**: o dono do morro Dona Marta. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. **Rota 66**: a história da polícia que mata. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BIAZOTO, S. Exercício de psicologia e dedicação. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 153-159.

BONETTI, M. A.C. **Teoria semiótica do jornalismo**: uma nova perspectiva de estudo para promover a aproximação entre jornalismo e verdade. São Paulo, 2001, 282p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Departamento de Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude; (tradução Guilherme João de Freitas Ferreira). **A profissão de sociólogo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

BRANCO, Carlos Castello. Jornalismo investigativo, só com democracia. **Cadernos de Jornalismo 1**, v.1, n.1, p. 14-15. 1990.

BRUM LEMOS, Maria Alzira. Os sertões: modernidade e atualidade. In: **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 67-80.

CALVINO, Ítalo. **Por que leer a los clásicos**. Barcelona: Túsquets, 1992, p. 15-16).

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. Trad. Sergio Flasksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CARVALHO, N. Dos humanos erros, o crime é revelado numa invocação tardia do perdão. In: **Leituras do Abusado**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, p. 85-95.

CARVALHO, Nadja; MOURA, Sandra (Org.). **Leituras do Abusado**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2003.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. (Org.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

CASTRO, Manuel Antônio de. (Org.). **A Arte em Questão: as questões da arte**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

CHAGAS, Carlos. Tecnologia serve à empresa, não à imprensa. **Cadernos de Jornalismo 1**, v.1, n.1, p. 20-21. 1990.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: UNESP, 2001.

CHRISTOFOLETTI, R. Olhos de Lince. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 71-81.

COSSON, Rildo. Romance-reportagem: o império contaminado. In: **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005, p. 57-70.

\_\_\_\_\_. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. S. Paulo, 2. ed., Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. **Diário de uma Expedição**. GALVÃO, Walnice Nogueira (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_ **Os sertões**. Introd. Cavalcanti Proença. São Paulo: Ediouro, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. 4. ed. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DINES, Alberto. **O papel do jornal: uma releitura**. 8. ed. São Paulo: Summus, 1986.

FERNANDES, Nelito. Traficante comanda a segurança e desafia polícia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 fev. 1996. Caderno Rio, p, 10.

FERNANDES, Rinaldo de (Org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

FILHO, Ciro Marcondes. **O espelho e a máscara: o enigma da comunicação no caminho do meio**. São Paulo: Discurso Editorial; Unijuí, 2002.

\_\_\_\_\_ **A Saga dos Cães Perdidos**. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

FILHO, Hamilton Almeida. O jornalismo vive a ressaca da ditadura. **Cadernos de Jornalismo 1**, v.1, n.1, p. 23-24. 1990.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do Discurso**. 8. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_ **A Verdade e as Formas Jurídicas**. 3. ed. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes, supervisão final do texto Léa Porto de Abreu Novaes... et al. J. – Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.

\_\_\_\_\_ **Microfísica do Poder**. 22. ed. Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_ **Vigiar e Punir**. 32. ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_ **As palavras e as coisas**. 8. ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_ **A arqueologia do saber**. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GALVÃO, W. N. (Org.). **Diário de uma Expedição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Garotinho abafa crise na segurança. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 1 mar. 2000, Caderno Cidade, p. 19.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Hacker Editores/ Edusp, 2000.

\_\_\_\_\_. **Poder no Jornalismo**: discorrer, disciplinar, controlar. São Paulo: Hacker Editores. Edusp, 2003.

HAAG, Carlos. A escola de jornalismo faz cem anos. **Primeira leitura**, São Paulo, n. 21, p. 116, nov. 2003.

HASWANI, M. Memória e descoberta. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 111-116.

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**. Trad. Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Essência da Verdade**. Trad. Carlos Morujão. Porto: Porto Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. **Hinos de Hölderlin**. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

HERACLITO, E. A busca da informação confiável. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 117-130.

HERMES, Mario Jorge da Fonseca. Os militares e a política na República: o episódio de Canudos. **Cadernos de literatura brasileira**. n<sup>os</sup> 13, 14, p. 233-265. 2002.

JUNQUEIRA, Ronaldo. Imprensa cobre o Estado, não a sociedade. **Cadernos de Jornalismo 1**, v.1, n.1, p. 26-27. 1990.

KONOPCZYK, S. Jornalismo ativo. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 161-167.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques; (tradução Eduardo Brandão). **A história nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Trad. Bernardo Leitão... (et al). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEMOS, M. A. B. Os sertões: modernidade e atualidade. In: **O clarim e a oração**: cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 67-80.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004.

LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz. (Org.). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

LOPES, D. F. Caminhos do jornalismo investigativo em busca da verdade oculta. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 09-26.

Luís Eduardo diz que não houve crime. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 fev. 2000, Caderno Cidade, p. 18.

MÁIRAN, P. João Moreira Salles. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 fev. 2000. P. 17. Entrevista.

MARIANI, Bethania. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (org.) **Discurso fundador – a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas: Pontec, 1993. p. 31-42.

MARTINS, Marco Antônio. Marcinho VP é morto em Bangu 3. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 jul. 2003. Caderno C, p. 8.

MEAD, G. H. The Nature of the Past. In: **Selected Writings** (ed. A. J. Reck), Chicago: University of Chicago Press, 1964, p. 344-354.

MEDEL, M. A. V. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005, p. 15-28.

MEDINA, Cremilda. **Notícia. Um produto à venda**. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

MENDES, Murilo. **Poesia Liberdade**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MERKX, A. Investigação comprometida com o interesse público. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 83-91.

MOREIRA, Marcelo. O dono do Dona Marta. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 12 fev. 1996, Caderno Cidade, p. 17.

MOREIRA, Martha Neiva... (et al). MP vai investigar João Salles. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 fev. 2000, Caderno Cidade, p. 17.

MOREIRA, S. O olho da sociedade. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 103-109.

MOUILLAUD, M. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: **O jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília: UnB, 2002, p. 49-83.

MOURA, Sandra. **Caco Barcellos: o repórter e o método**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. O new journalism e suas relações com a literatura. **Revista pauta geral**. Bahia, n. 2, p. 95, 1994.

NASCIMENTO, E. A. Parceiro e abusado: a trama do texto e do contexto em Caco Barcellos. In: **Leituras do Abusado**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, p. 139-160.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. 9. ed. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência**. 3. ed. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PADILHA, S. Uma visão além do pragmatismo. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 61-70.

PAIVA, C. C. Traficantes, malandros e celebridades: um estudo de mídia e violência social. In: **Leituras do Abusado**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, p. 69-83.

PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. Sobre o facto e o acontecimento. **Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, n. 6, p. 95-100, 2005.

PAMUK, Orhan. **A maleta do meu pai**. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PEQUENO, M. Violência e crime: a face sombria da barbárie. In: **Leituras do Abusado**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, p. 11-17.

PERIAGO, F. R. Investigação é fundamento do jornalismo. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 169-177.

PESSOA, Fernando. **Poesia Alberto Caeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PLATÃO. **A República**. 3. ed. Tradução e notas: Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

PORTO, Sérgio Dayrell (Org). **O jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília: UnB, 2002.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

RÉGIS, L. V; OROSCO, S. P. Rádio também tem repórter investigativo. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 179-191.

- RIVAS, Manuel. **El periodismo es un cuento**. Madrid, Alfaguara, 1998.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método II: complementos e índice**. Revisão de tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- ROCHA, C. & BOTTARI, E. O tráfico até no nome. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 fev. 2000, Caderno Rio, p. 20.
- ROVAI, R. Além da mesa do bar. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 93-101.
- SAMPAIO, Consuelo Novais. **Canudos: cartas para o barão**. São Paulo: Edusp, 1999.
- SAMPAIO, P. R. R. **Filosofia e literatura**. Rio de Janeiro, 1997, 178p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- SCLIAR, Moacyr. Jornalismo e literatura: a fértil convivência. In: **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005, p. 13-14.
- SCLIAR, Moacyr. Jornalismo e literatura: a imprecisa, e às vezes fértil, fronteira. In: **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 81-92.
- SILVA, Juremir Machado da. O que escrever quer calar? Literatura e jornalismo. In: **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005, p. 47-52.
- SILVEIRA, Joel da. Jornal não é entretenimento, é informação. **Cadernos de Jornalismo 1**, v.1, n.1, p. 28-29. 1990.
- SINDER, Valter. **Configurações da narrativa: verdade, literatura e etnografia**. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2002.
- SIQUEIRA, N. V. de; SANTOS, R. M. R. Investigar faz parte do jornalismo. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 27-39.
- SOARES, Órris Eugênio. **Dicionário de Filosofia**. Rio de Janeiro: INL, 1952.
- SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- SOUZA, Percival de. Conselhos de Antônio. In: **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 85-92.

SOUZA, R. M. A geopoética de Euclides da Cunha. **Net**, São José do Rio Pardo, dez. 2007. Disponível em: <http://www.casaeuclidiana.org.br/download/default.asp>  
Acesso em: 13 jan. 2007.

SOUZA, Sérgio de... (et al). **Caros Amigos**. Disponível em: [http://carosamigos.terra.com.br/outras\\_edicoes/grandes\\_entrev/caco\\_barcellos.asp](http://carosamigos.terra.com.br/outras_edicoes/grandes_entrev/caco_barcellos.asp)  
Acesso em: 05 jan. 2008. Entrevista.

SUASSUNA, Ariano. Euclides da cunha, canudos e o exército. In: **O clarim e a oração**: cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 21-23.

TRAQUINA, Nélon. **Teorias do jornalismo I**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005a.

\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo II**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005b.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**. Estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

Tudo em nome de vaidade e ambição. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 fev. 2000, Caderno Cidade, p. 18.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 2003.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Trad. José Rubens Siqueira; posfácio: Joaquim Ferreira dos Santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.



## 7

### Apêndice

#### 7.1.

#### Diálogo com Caco Barcellos<sup>1</sup>

Sobre essa expressão jornalismo investigativo. Uma vez, você disse que não gosta dela, prefere dizer jornalismo ativo, não é? Me diz o que você pensa sobre essa expressão?

**Barcellos:** Eu só não gosto quando me dou conta que as pessoas associam a expressão jornalismo investigativo com a prática da denúncia. Eu acho que não pode ser assim. O investigativo, eu aceitaria, assim, se as pessoas interpretassem como sendo um gênero do jornalismo, (não é gênero isso, o que que é?) um segmento centrado na reportagem, na apuração independente, na apuração, sobretudo, desvinculada de fontes oficiais ou de dossiês.

Não foram as editorias que enviaram a matéria para o veículo. O próprio jornalista realiza o seu percurso...

**Barcellos:** Sim, o jornalista faz o seu próprio percurso e apura, independentemente, da estória ser acusatória ou uma estória ativa, uma estória que vai levar até ao elogio de uma pessoa ou de uma entidade, instituição. Investigativo tem uma conotação quase policialesca, eu acho. Acho não, no imaginário de muita gente, na cabeça de muita gente, é a prática do jornalismo parecido com o policial.

Uma vez, você falou, em uma entrevista, que seria interessante que a polícia investigasse porque ela não investiga.

**Barcellos:** É. Investiga em ocasiões muito especiais para ela. Quando alguém das elites é atingido por um crime, vide o caso Isabela, aí vai tratar de uma forma

---

<sup>1</sup> Data: 5 de maio de 2008. São Paulo.

brilhante né?! Ali trabalhou. Consciência e tal. E eu acho que até por isso ela não conseguiu esclarecer, conseguiu levantar as provas, como deveria levantar, com tanto trabalho realizado porque ela não tem essa prática. Ela começou muito tarde. Ela está acostumada a resolver as coisas na tortura, na pancada ou no grampo. E ali ela tinha que trabalhar com inteligência. De um lado, uma família de pessoal do Direito, são advogados os avós, o pai da madrasta, o pai do acusado, são advogados. O acusado também é advogado. Então, por isso, tem que trabalhar com esses limites. Mostrar serviço correto e não o serviço habitual, que ela usa com os pobres, a tortura.

O banco de dados do seu livro *Rota 66* mostra isso...

**Barcellos:** Quando as pessoas falam jornalismo investigativo, elas estão associando essa postura investigatória, policialesca, denunciata. Aí me incomoda.

E se esquecem da grande reportagem, o trabalho de apuração....

**Barcellos:** Apuração. Você pode estar cobrindo um show dos Stones no Brasil, para fazer um trabalho brilhante, você tem que levantar todas as informações associadas com o evento.

Mas esse tipo de jornalismo, o da grande reportagem, onde ele está acontecendo? Será que só acontece nos livros-reportagens? E na grande imprensa?

**Barcellos:** Pois é, isso aí sempre é possível. Comparativamente, então, é anos luz de diferença. Na grande imprensa você é submetido sempre ao critério editorial de cada mídia<sup>2</sup>, independentemente, de suas tendências: conservador, direita, esquerda, extrema direita, que é muito comum no Brasil. Você está submetido a essa linha editorial. O seu trabalho, mais ou menos, tem que ser encaminhado ou não se confrontar tão fortemente. Os sérios conseguem trabalhar com independência, mas é árduo. Agora, no livro, além da independência, você tem a liberdade. No jornalismo é nenhuma.

---

<sup>2</sup> Livro ou mídia?

A própria prática jornalística, com as suas rotinas produtivas, exercem um papel cerceador, não?

**Barcellos:** Até porque é um processo coletivo. Eu nunca faço isso sozinho. Televisão, então, totalmente coletivo. No jornal, menos.

Nos seus livros, como não há a instituição por trás, você faz os seus próprios caminhos.

**Barcellos:** É, bom, isso só não plenamente porque você também tem uma editora atrás do livro. Mas a editora transfere a responsabilidade para você. Agora, você também, por outro lado, fica mais vulnerável. Você fica sozinho ali, não tem uma organização te dando algum respaldo. Totalmente, (?), solitário.

Eu percebo em seu trabalho, na *Revolução das Crianças*, isso é muito forte, no *Abusado* também, no *Rota 66* menos porque ali tem o banco de dados, que se torna muito determinista na dimensão do discurso do verdadeiro porque o banco de dados é muito forte, né?

**Barcellos:** O banco de dados acabou virando uma camisa de força para mim.

Então, a sua construção discursiva do verdadeiro vai na contramão do noticiário policial, quando constrói a biografia do criminoso, por exemplo. Enquanto o noticiário policial cria uma ligação direta entre pobreza-crime-violência, em todos os seus livros podemos observar o contrário. Há uma problematização sobre o criminoso, a delinquência, o Brasil, são questões, você não dá respostas. Como você percebe isso?

**Barcellos:** Olha só. Não faz sentido você contar histórias tão dramáticas, tão terríveis, tão doloridas, tanta tristeza, se você não usá-las pra apontar ali uma coisa que é maior que o simples espanto da perversidade. Você ficar só nela, na exploração do perverso, eu me sentiria mais um criminoso agredindo o meu leitor.

A imprensa, neste caso, se torna agente de controle social.

**Barcellos:** Eu também acho. E disseminadora também de violência. Reprodutora. E isso, realmente, é uma coisa deficiente ali, é uma coisa que me causa traumas essas estórias e eu sonho um dia em que eu não precise mais contá-las, que não existam mais. Veja que no meu trabalho hoje eu tento fazer muito pouco disso, no *Profissão Repórter*, estou ali, buscando estórias mais altivas, estórias de um país que dá certo, de alguma maneira.

Esse contato com o belo aparece em todos os seus trabalhos, em sua narrativa. Me parece que você esteve em busca dele, não? No seu cuidado com o texto, na própria linguagem. Há uma poética barcelliana.

**Barcellos:** Sim, mas buscava isso nas cenas mais duras da realidade. E agora, não só. Agora, estamos fazendo o nosso trabalho com mais profundidade, entre aspas, se é que se pode falar assim em TV. É sobre a fila que não anda, a fila do transplante do coração, cada estória... estamos desde janeiro acompanhando as pessoas que esperam um coração. Perdi um amigo na fila, amigo contemporâneo, (?) mas tem estórias lindas no meio, que estão dando certo também. Mas é um tempo grande, né? Televisão, três meses, normalmente, se faz três matérias em um dia, três meses numa... Adorei que estavam dois da equipe, em um fim de semana, feriado, tinha uma equipe viajando à trabalho, mandei uma parte de folga porque era feriadão e eu apareci lá achando que ia estar sozinho, mas dois apareceram. Mais tarde, à noite já, falei bom... Ele estava na Santa Casa, por conta disso, atrás da estória de uma menina, vítima de arma branca, facada, ele andou descobrindo que as mulheres andam mais envolvidas em violência mais que os meninos hoje. Ele estava indo lá e aí descobre que dali do hospital ia sair um coração e ele disse: -“Caco, tem uma mulher magrinha aqui”... E nós estamos lá acompanhando a estória de uma menina de doze anos de idade, que estava, assim, há duas semanas de morrer porque o coração nunca chega. Aí ele me ligou. Aí eu liguei para o Instituto do Coração: -“Oh lá na Santa Casa tem um coração e tal”. (?) Em resumo: ele ficou 25 horas atrás do coração lá e registrou o momento em que a menininha, (que nós tanto esperávamos o coração), recebeu o coração... Começou

a bater no peito dela. Vê, sem ordem nenhuma, estavam lá, porque gostam, porque querem, envolvidíssimos. Fiquei muito feliz. Bom, aí ficou 25 horas trabalhando.

Emocionante esta estória...

**Barcellos:** Emocionante, né!

Me parece que o jornalista não pensa a verdade em seu sentido imanente, filosófico, mas a verdade em uma dimensão mais prática, como prestação de serviço público à sociedade. Mas o real é complexo, originário, muda de um instante para outro, como perceber o verdadeiro nisso aí?

**Barcellos:** Muito complexo. Eu tenho uma incrível resistência em afirmar qualquer coisa por isso. Eu deixo que as pessoas contem as suas estórias; tento ouvi-las. Tento lê-las. Tento envolvê-las em um determinado episódio. Todos os lados, buscando sempre a equidade. Pelo menos em espaço, assim, para revelar o contraditório. Acho fundamental porque acho que o contraditório enriquece a interpretação de qualquer estória.

Por que o real é e não é...

**Barcellos:** Ele é e não é e quem absorve a informação também tem mil maneiras de absorvê-la. No caso da TV, então, eu acho que no livro é diferente, mas na TV, você tem que contar com a possibilidade de você ter a atenção apenas de alguns segundos. De uma estória que você conta, digamos, de dez minutos, talvez você tenha apenas segundos, a pessoa está conversando com a outra, está dispersa. De repente, ela presta atenção, e sai novamente da atenção, essa fisgada é difícil de você conquistar. Às vezes, uma coisa sensacionalista é o que a atrai mais.

No *Abusado*, há a complexidade. Emerge em suas páginas esse real complexo, quando não dá para colocar uma seta e dizer, é por aqui.

**Barcellos:** E quem é você para botar essa seta, você jornalista.

E a linguagem tem vida própria. A linguagem fala, não?

**Barcellos:** Fala. E você precisa ainda entender que, às vezes, a sua captação de narrativa, em que circunstâncias você obteve? De que forma aquela pessoa está te contando a estória? Qual é o tamanho da verdade que ela está te mostrando, mesmo intencionalmente. Tem gente que tem a intenção de te enganar. Outras, não tem intenção, mas enganam, involuntariamente.

Isso é uma arte, não? perceber essas intenções...

**Barcellos:** Alguns são artistas, são analfabetos, geniais da dissimulação. Outras são desinformadas. Outras pensam que viram uma estória completa e viram uma estória parcial.

Mas me parece que a própria linguagem é dissimulação, ou não é?

**Barcellos:** É, pode ser. E tem gente que acha que é mais espontâneo, mas aí o espontâneo também pode ser restrito a uma interpretação que ela tem sobre o fato, ou uma experiência muito pobre sobre aquele fato, que ela está te passando, não é? Você ouve dez pessoas em uma casa, mas você entrou naquela casa naquele dia, quem te garante que aquelas dez pessoas são as mais importantes no universo que você está querendo mostrar. Se não será o vizinho ali... É muito... E a gente sempre parte do princípio, vai atrás daquele pedacinho ali, são duas horas da sua experiência no lugar e passa para o país inteiro aquela estória.

É muita responsabilidade...

**Barcellos:** É muita. Se você refletir todo o tempo, você não trabalha. O mais honesto possível é você dizer os seus limites sempre.

Em *Hamlet*, de *Shakespeare*, há o pensamento que diz que o conhecimento impossibilita o homem de agir...

**Barcellos:** Você se dá conta do tanto que você é ignorante.

rs rs ah... exatamente

**Barcellos:** Pelo menos, eu acho que o mais modesto é você falar: - “Oh eu falei com duas das cinqüenta e três testemunhas, dessa estória”. Das testemunhas que você descobriu até agora, pois podem existir duzentas.

E em relação à memória. No *Abusado*, você trabalhou muito com as estórias, a memória alheia, mas eu fiquei refletindo como é trabalhar com a memória, que é viva. Por exemplo, se eu pensar sobre um acontecimento passado, o que vai emergir não é o acontecimento passado, mas o que ele é a partir do que eu sou agora. Complicado isso, não?

**Barcellos:** Uma editora me procurou para relançar *A Revolução das Crianças*, eu não aceitei. Fiquei imaginando... Eu não vou aceitá-lo, agora. (?) refizesse alguma coisa. Aí não dá para refazer, não é, ou dá? (...) Mas é isto que você está dizendo, a minha lembrança daqueles momentos são outra coisa agora. Agora, talvez, voltando lá, atrás das personagens. Isso eu gosto.

A pesquisadora Sandra Moura escreveu em seu livro **Caco Barcellos: o repórter e o método** (2007) que você dividiu o *Abusado* em três partes em homenagem a *Hemingway*.

**Barcellos:** Mas no título só. Os três livros dele.

Mas o que me pareceu interessante foi que você disse: “Gosto das histórias dele, da forma romântica como se envolve nas histórias, da vida nômade, das aventuras, dos temas, do conteúdo dos livros e menos da estética do texto. Parece que falta capricho, dedicação, perfeccionismo” (Cf. MOURA, 2007, p. 82). Como você lida com essa questão da linguagem? Da estética.

**Barcellos:** Eu não sei te dizer, mas eu percebo quando o autor ali tem o cuidado com a estética.

Mas você reescreve muito, como é?

**Barcellos:** Eu reescrevo muito, procuro tornar a leitura agradável e tocar de alguma maneira o leitor, de conquistá-lo mesmo. Cuidar dos olhos dele.

Basta ler os seus livros para podermos perceber esse seu cuidado com a linguagem. O contato com o belo o qual já falamos. Agora, no *Abusado*, há toda uma problematização em relação ao criminoso, não há em sua obra a relação linear pobreza-crime. Como você percebe essa produção do delinqüente pela grande imprensa, no *Abusado*, e como foi a crítica em relação a você, por ter construído o Marcinho VP como herói? Eu penso que não, mas essa crítica acontece.

**Barcellos:** Tem gente que acha. Em palestras, em estados por onde passei... Como que é mesmo o contexto da pergunta?

-“Como você explica a sua atração promíscua com os traficantes?”. -“Como é que fica o critério ético de um jornalista que se envolve, se torna amigo da fonte (traficantes)?”. -“Como é que você explica, por exemplo, o surgimento de um filme que trata os bandidos como eles são e não como você os trata, como mocinho e tal?”. Quatro, cinco, questões, assim, recorrentes. Acho que tem a ver com a sua pergunta. Eu me dou conta que, realmente, as pessoas estão habituadas a absorver informações no noticiário policial que afirmam, que reproduz, um conceito, acho, totalmente, absurdo, que associaria pobreza com crime e nada mais que pobreza com crime. Como se fosse uma questão de classe, o crime. Então, é de se esperar que o criminoso de baixa renda seja violento, seja criminoso, e que seja tratado com extrema brutalidade, como se fosse legítimo ser, igualmente, brutal tratando um criminoso. As pessoas não entendem como segundo crime. A polícia quando é brutal com os criminosos, ela está sendo criminosa também. Então, as pessoas não entendem que pode ser qualificado como brutal um ato que não vem do criminoso de baixa renda. Como o policial não é um criminoso de baixa renda, não pode ser tratado como brutal. 46% das pessoas, segundo uma pesquisa, você viu?, que saiu há 15 dias, muito interessante, de uma agência de Publicidade, descobriu que 46% das pessoas ricas adotariam, se fossem policiais, a tortura como método de trabalho. 20% dos pobres também fariam a mesma coisa. Mas aí quando eles pensam em tortura é



aplicada pela classe dominante contra a classe dominada. Nunca o inverso, eles imaginam. Aí eu costumo responder, quando me fazem essas perguntas, a seguinte coisa: -“Por que você não me pergunta, junto com essa sua questão, se eu não agi, se fui promíscuo, quando entrevistei, por exemplo, Paulo Salim Maluf? Quando entrevistei Fernando Collor?”. Aí dou uma lista de empresários ladrões, gente poderosa envolvida em fraudes, roubos públicos e as pessoas não fazem a mesma pergunta. Entrevistar o criminoso de baixa renda, já acham que não é ético, falar com o cara, ouvi-lo. Não perguntam a mesma coisa se eu estou entrevistando um ladrão rico. Aí não tem a questão ética? Por quê? Por que não o outro, que também denegriu, roubou, furtou, sei lá o quê? Por que não diz que estou sendo promíscuo por passar sete horas no escritório do Maluf? Não. É promíscuo porque ficou cinco horas na favela do Marcinho. Outra coisa. Eu não fiquei amigo do Marcinho. Assim, como não fiquei amigo do Maluf. E fiz as entrevistas, várias delas para o livro. Assim, como fiz várias com outros personagens e tal. Mesma postura. E respondo, assim, também: -“Se fosse o Presidente da República teria a mesma postura. O Marcinho, o Presidente, seja quem for”. A postura da gente tem que ser a mesma, ouvir as pessoas. Por que fizeram aquilo? Por que tiveram aquela trajetória? As suas motivações, as suas nuances, independentemente de classe social acho.

O sistema carcerário, as instituições, parece mesmo confirmar o que Foucault dizia: o controle da delinquência de baixo, que recai sobre as classes menos favorecidas, é feita para desviar a atenção da sociedade da delinquência de cima, delinquência do colarinho branco. Um bom exemplo é o *Século do Crime*<sup>3</sup>, que tem toda aquela rede, que não se fala. Então, é uma luta de classes, não?

**Barcellos:** Sem dúvida, e no cenário da violência, tanto na esfera do poder, como reprime, como previne, quanto aqueles que absorvem o noticiário na imprensa, todos ali tem um componente grave de má interpretação. Você viu aí nesse episódio da Isabela, tem crianças na frente da casa gritando para linchar o Alexandre, a madrasta. Criança desejando o linchamento. Estão sendo mais, tão

---

<sup>3</sup> ARBEX Jr & TOGNOLLI, C.J. *O século do crime*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

criminosos quanto. Pais gritando, estão lá, em vez de trabalhar, ler em casa, enfim, vão pra lá gritar.

Uma verdadeira euforia coletiva...

**Barcellos:** É. Por que isso? Quem é essa criança para dizer que aquela madrasta merece morrer? É tão violenta quanto a madrasta.

Mas essa problematização não aparece, não é? Esse tipo de questionamento.

**Barcellos:** Tem muitos jornalistas que, na verdade, desejariam ser delegados de polícia ou juízes, assim, juízes criminais. Tem uma postura idêntica.

Instituições, sistema carcerário, produção da delinquência. O sistema carcerário, o jornalismo, a imprensa, como que essas instituições trabalham na produção da delinquência, é impressionante. Há um momento no *Abusado*, quando você encontra com o Marcinho na Argentina, é incrível como ele tenta, mas não consegue sair dessa malha, como as instituições fazem a sua economia geral, dando poder pra uns, tirando de outros...

**Barcellos:** É muito difícil. Você viu no *Abusado*, no momento em que eu conversei com ele pela primeira vez, que ele queria fazer o livro porque achava que ele iria morrer? Quase previsível, infelizmente, você vê aí a trajetória de outros... É impressionante como é uma máquina.

É muito forte quando ele diz: “Sou menos que nada”.

**Barcellos:** Acho que ele se sentia prisioneiro da liberdade. Ele não sabia lidar com o horizonte. Pois, na favela ele tem no máximo dois metros e meio, três metros, de alcance de visão. (?) Bom, ele vai pra laje e vê a cidade.

A problematização que você realiza no *Abusado* é muito interessante. Por exemplo, há o momento em que você conversa com a Luz, pela primeira vez, e ela diz: pode perguntar que aqui tem tudo de bom. Aí vem o interessante porque você

pergunta: tem praça, pracinha, biblioteca, escola, enfim, faz uma série de perguntas, ao final percebemos que na favela não tem nada. Mas aí ela diz: mas é só descer que tem tudo no asfalto. Isso é importante, pois quando observamos matérias do *Jornal do Brasil*, por exemplo, durante aquele caso João Salles, é impressionante como as perguntas que a jornalista faz para o João Salles já vêm carregadas de pré-conceitos. As suas perguntas, por outro lado, partem de um outro lugar, revelando um outro Brasil, ou melhor, os nossos vários Brasis. Como você pensa essa ignorância tão profunda em relação a esses vários brasis que existem?

**Barcellos:** Eu acho que a guerra de classes estabelece, reforça, muito a ignorância. Os pobres ainda circulam nos dois espaços porque eles trabalham na área dos ricos. Mas os ricos, a classe média, sobretudo, não circula na área dos pobres. Nada sabe da realidade deles. No Rio de Janeiro, então, dificilmente, você encontra alguém de classe média alta, um patrão de uma empregada doméstica, que suba e conheça a casa dela. Se fizéssemos uma pesquisa, não encontraríamos alguém que tenha visitado a sua empregada, não é? Não conhece os seus filhos, às vezes, pede para a polícia matar um traficante, sem saber que é o filho da empregada da casa dele, que talvez seja traficante porque o salário que ela ganha (?) é insuficiente para se ter uma outra vida. No *Abusado*, tem a estória de uma mulher, que trabalhava em uma faculdade, a mãe do Rebelde. Lembra o que acontece com ela quando ela sobe? Ela perde, totalmente, a cidadania quando ela sobe porque é outro mundo. Ela nunca mais recebeu uma visita. Perde o endereço. Ela se apaixona lá pelo gerente do tráfico, que é o contrário, não é? As mães, os traficantes, os pais, os tios, os primos, os amigos, todos conhecem o outro lado muito bem. São os porteiros, são as empregadas, são os operários, são os bicheiros. Tem uma proximidade e invadem a casa dos bacanas.

Este outro aparece na própria linguagem, nas gírias...

**Barcellos:** A música. A produção musical deles, totalmente, oriunda dali (?) dos bailes.

Mas me parece que a grande imprensa, ao se apropriar dessa produção cultural, a plana com os seus discursos, conceitos, pré-conceitos, o que acha?

**Barcellos:** No caso da produção artística ela até absorve, né? Depois de uns quatro, cinco, anos, mais ou menos, absorve alguma coisa. As gírias também.

Mas a indústria cultural quando se apropria de um movimento cultural retira-lhe todo o viés revolucionário, não?

**Barcellos:** Sem dúvida. Carnaval o que é que é? é uma produção lá de cima, né? Totalmente, absorvido. Tudo bem que absorva. Eu fico indignado quando percebo que nenhuma riqueza do carnaval fica nas comunidades. Televisão ganha muito dinheiro com o carnaval. O turismo ganha muito dinheiro, os hotéis, as companhias aéreas. Só não ganha o artista, o principal. Aliás, o Marcinho falava muito isso.

E em relação ao caso Michael Jackson, quando os três jornalistas, Nelito Fernandes, Sílvio Barsetti e Marcelo Moreira, se infiltram na Santa Marta e acabam por entrevistar o Marcinho. Cinco anos depois, você procurou os jornalistas para saber sobre a publicação das in-verdades publicadas, em relação à fala dele. Mas o que me chamou atenção foi a fala do editor César Seabra quando diz: “—Fui eu que fiz o Juliano VP ficar famoso. Se não fosse por mim, ele não seria ninguém. Eu falei para o Nelito: ‘Não tem acordo com bandido’ – falou César” (Cf. BARCELLOS, *Abusado: o dono do morro Dona Marta*, p. 360).

**Barcellos:** É uma arrogância, né? Eu achei ele corajoso de assumir isso. Por que não faz a mesma coisa quando manda todo mundo ouvir os advogados do Maluf?

É, aí eu quero ver se ele vai falar: “Não tem acordo com bandido”.

**Barcellos:** Esse é que é o ponto.

Mas a que ponto chega essa questão de acender ou apagar pessoas na cena midiática. Então, não importa o que você diga?

**Barcellos:** Ah o cara diz: -- “Bom, eu achei coerente que ele fosse um matador porque alguém já tinha me dito que o cara matava, então”... A *Veja* faz isso direto.

Vê-se que o imaginário em relação ao delinqüente já está arraigado...

**Barcellos:** Na verdade, é uma covardia, um ato covarde, que o jornalista comete. Que sabe que aquele sujeito não vai mover uma ação contra ele.

Concordo com você. E o jornalismo como questão, é possível? ou será que apenas acontece nos livros-reportagens?

**Barcellos:** Eu acho que tem. Tem, assim, homeopaticamente, em outros veículos. Depende, às vezes, de um parceiro em posição importante no veículo. Uma revista, por exemplo, pode abrir suas dez páginas. Conta uma estória ali, um capítulo do livro. Cabe numa revista, não é? Ou uma seqüência de capítulos, ou uma série. Mesmo na TV, às vezes, você emplaca um documentário.

**Observação:** Em alguns trechos do diálogo aparece (?) significa dizer que nesses momentos não consegui entender, no momento da transcrição da conversa, o que Barcellos disse. Já a nota de rodapé diz respeito a uma dúvida: não consigo entender se ele disse: mídia ou livro. Na dúvida, o melhor, me parece, é deixar a interrogação.